

OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA SOBRECARGA DERIVADA DAS MÚLTIPLAS JORNADAS DE TRABALHO FEMININO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Thatiana Helena de Lima¹
Ana Emilia Muniz Maia²
Andreza Nathielly Batista Reis³
Jucimara Sousa do Nascimento⁴
Márlon dos Santos Cardoso⁵

Resumo: O objetivo desta revisão integrativa é analisar os artigos publicados em periódicos nacionais sobre os impactos sociais e psicológicos derivados das múltiplas jornadas de trabalho feminino durante o período pandêmico (2020 a 2023). Foi realizada uma busca em cinco portais indexadores de artigos. Dos 269 artigos encontrados, somente 14 deles fizeram parte da amostra. Estes artigos passaram por uma análise qualitativa e quantitativa. Os resultados apontaram que os principais impactos vivenciados pelas mulheres no período pandêmico estão relacionados ao rompimento dos limites entre casa e trabalho, problemas associados à saúde mental, sobrecarga física e mental, precarização no trabalho, mudanças na rotina e nas dinâmicas familiares, redução de renda e afastamento da rede de apoio. Apontou-se também que as mulheres não brancas e de classes sociais mais baixas são as mais afetadas. Contudo, é importante que sejam pensadas estratégias e ações de cuidado e de assistência que busquem minimizar o sofrimento causado por esse período na vida dessas mulheres como, por exemplo, políticas voltadas para a atenção primária e secundária à saúde, dentre outras.

Palavras-chave: Trabalho feminino; desigualdade de gênero; pandemia; impactos psicológicos; saúde mental.

Abstract: The goal of this integrative review is to analyze articles published in national journals on the social and psychological impacts derived from the multiple working hours of women during the pandemic period (2020 to 2023). A search was carried out in five article indexing portals. Of the 269 articles found, only 14 of them were part of the sample. These articles underwent qualitative and quantitative analysis. The results showed that the main impacts experienced by women in the pandemic period are related to breaking the boundaries between home and work, problems associated with mental health, physical and mental overload, job insecurity, changes in routine and family dynamics, income reduction and removal from the support network. It is also pointed out that non-white women and from lower social classes are

¹ Doutora em Psicologia. Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Orientadora do Grupo de Estudos em Avaliação Psicológica (GEAP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9832-8546>. Contato: thatianahlma@gmail.com – Número: (11) 99019-2244 - Rua Prof. Aristides Novis, 197 - Federação, Salvador - BA, 40210-630.

² Bacharela Interdisciplinar em Humanidades. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Integrante do Laboratório de Psicologia Positiva e do Grupo de Estudo Carreira+ e do projeto de acolhimento.

³ Bacharela Interdisciplinar em Humanidades. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Integrante do Laboratório de Psicologia Positiva e do Grupo de Estudo Carreira+. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9007-2598>. Contato: desa_nathy@hotmail.com – Número: (75) 99284-6373 - Rua Prof. Aristides Novis, 197 - Federação, Salvador - BA, 40210-630.

⁴ Bacharela Interdisciplinar em Humanidades. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Membro da Formação Permanente em Psicanálise no Instituto Langage e do Núcleo de Estudos em Trabalho e Esportes (NETE/UFBa). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7832-1558>. Contato: jucimaranascimento4@gmail.com. Número: (71) 99698-6660 - Rua Prof. Aristides Novis, 197 - Federação, Salvador - BA, 40210-630.

⁵ Bacharel Interdisciplinar em Humanidades. Graduando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Contato: marlon.cardoso.mc@hotmail.com – Número (71) 98383-7608 - Largo da Vitória, 66 - Vitória, Salvador - BA, 40081-305.

the most affected. However, it is important that care strategies and actions of assistance will be able to be designed that seek to minimize the suffering caused by this period in the lives of these women, for example, policies aimed at primary and secondary health care, among others.

Keywords: Female work; gender inequality; pandemic; psychological impacts; mental health.

1. Introdução

O trabalho se constitui como uma importante atividade para vida humana, ocupando um lugar muitas vezes definidor para a manutenção da saúde dos indivíduos. É por meio dele que se obtêm os meios para sobrevivência, bem como recursos para o desenvolvimento pessoal e social. Dessa forma, o trabalho foi e é um meio de promoção de saúde e de adoecimento do indivíduo, contribuindo também para a construção da sua identidade e da sua subjetividade (MOSCON; CARNEIRO; GONDIM, 2022).

Ao longo do tempo, o trabalho humano passou por diversas modificações como forma de atender as demandas emergentes na sociedade. Essas mudanças no ambiente de trabalho fazem parte de mudanças contextuais mais amplas e que estão profundamente interligadas. Se o trabalho é um importante modulador do sujeito, suas transformações também o afetam, do mesmo modo que as transformações subjetivas individuais transformam o trabalho (BENTIVI; CARNEIRO; PEIXOTO, 2020; GONDIM; BENDASSOLLI; PEIXOTO, 2016). No entanto, além da sua influência em uma dimensão individual, pondera-se que o trabalho e suas consequências incidem de formas diferentes de acordo com o grupo social analisado.

Pensando, por exemplo, na questão de gênero e divisão sexual do trabalho, entende-se que historicamente homens e mulheres experimentaram e ainda experimentam de forma distinta esse fenômeno. Estudos, como o de Zanello (2018), apontam que homens e mulheres se subjetivam por meio de diferentes dispositivos e tecnologias de gênero⁶, que tecem um série de regras e scripts sociais a serem seguidos de forma a cumprir com os papéis destinados a cada um de acordo com a divisão sexual. Sendo assim, ao gênero masculino foi atribuída a participação ativa na vida pública e o trabalho vinculado à aquisição de recursos (remuneração), enquanto ao gênero feminino foi atribuído à vida privada e o trabalho vinculado ao cuidado doméstico, que, infelizmente, ainda é dificilmente reconhecido enquanto trabalho. É importante notar, contudo, que a divisão sexual do trabalho também é atravessada pela raça. Mulheres

⁶ Para uma compreensão aprofundada sobre dispositivos e tecnologias de gênero ler Zanello (2018).

negras, por exemplo, foram escravizadas e obrigadas a trabalhar em lavouras tanto quanto homens negros, de modo a não compartilhar com mulheres brancas estereótipos de vulnerabilidade e domesticidade (DAVIS, 1981/2016). Essa marca colonial deve ser observada com atenção, visto que ela levou a uma entrada desigual das mulheres no mercado de trabalho, relegando a mulheres negras e de classes mais baixas empregos marginais e mais precarizados (BARROS; REIS, 2023). Por outro lado, a entrada na era industrial propiciou profundas mudanças na organização do trabalho na sociedade exigindo uma progressiva participação da mulher na esfera pública e, consequentemente, o aumento da demanda do trabalho feminino. Seria ingênuo acreditar que esse processo se deu de forma equivalente para uma categoria tão ampla, afinal, considerando a intersecção entre gênero e raça em um país com um vasto histórico escravocrata, como o Brasil, é notório que mulheres brancas e mulheres negras ocupam diferentes lugares ao ingressarem no mercado de trabalho (LUZIO-DOS-SANTOS et al., 2022).

Apesar desta nociva lacuna entre mulheres brancas e negras, as mulheres eram, e ainda são, vistas como mão de obra secundária. Ainda que seu ingresso no mercado de trabalho venha crescendo exponencialmente, é importante ressaltar que esse aumento da demanda do trabalho feminino não veio acompanhado de uma mudança de mentalidade e de estruturas que garantem uma participação adequada da mulher no mercado de trabalho: sua remuneração continuou inferior e suas jornadas de trabalho se expandiram (SILVA et al., 2020).

É diante dessas configurações sociais que se deu a Pandemia da COVID-19. Em dezembro de 2019 foram identificados na cidade de Wuhan, na China, uma série de casos de infecção respiratória causados por uma nova forma de coronavírus (GUO et al., 2020). A epidemia, que até então havia se iniciado em Wuhan, se espalhou globalmente devido à alta taxa de transmissão do vírus e sua rápida disseminação ao redor do mundo. Foi declarado, em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o status de pandemia global pela COVID-19 (SCHMIDT et al., 2020). No Brasil, os dados sobre o aparecimento do primeiro caso são contrastantes, contudo, o Ministério da Saúde confirma tardiamente o óbito de Rosana Aparecida Urbano, de 57 anos, empregada doméstica, como o primeiro caso em 12 de março de 2020 em São Paulo pelo vírus da COVID-19 (VIEIRA & MARQUES, 2020). No Rio de Janeiro, a primeira morte também foi de uma trabalhadora doméstica. Ela contraiu a doença de sua empregadora, que havia recém retornado de uma viagem na Itália (G1 Rio, 2020), o que destaca claramente como

os marcadores sociais e as desigualdades contribuem para a vulnerabilidade de certos grupos em comparação com outros. Atendendo a esse cenário, diversas autoridades governamentais adotaram algumas estratégias e medidas restritivas na tentativa de mitigar a disseminação do vírus, bem como evitar o colapso iminente do sistema de saúde pública e privada (WILDER-SMITH & FREEDMAN, 2020).

Ainda que não se tenha o distanciamento histórico ideal para afirmar com certeza e em que dimensão, é possível pensar o contexto pandêmico da Covid-19 como um fenômeno capaz de marcar uma era e levar a significativas transformações na sociedade em seus mais diversos spectos. O mundo do trabalho sofreu intensas transformações em sua organização, como, por exemplo, o aumento da modalidade de trabalho *home office*, que passou a ser adotada em substituição a alguns trabalhos presenciais e que passou a assumir diversas configurações que devem e precisam ser exploradas em novos estudos (PEIXOTO et al., 2020).

É importante, no entanto, atentar para o fato de que o trabalho *home office* não foi uma realidade para todas e todos. De acordo com a PNAD COVID-19 (2021), apenas 9,1% da população ocupada que não estava afastada do trabalho estava trabalhando de forma remota. No entanto, quando analisado a partir da escolaridade, entre as pessoas sem instrução ao fundamental incompleto e entre aquelas com ensino fundamental completo ao ensino médio incompleto, apenas 0,3% e 0,9%, respectivamente, estavam trabalhando remotamente, enquanto para as pessoas com nível superior completo ou pós-graduação, esse número subiu para 28,7% (IBGE, 2021). Considerando que no Brasil a renda e escolaridade são variáveis diretamente ligadas, esses dados refletem apenas uma das diversas desigualdades sociais agravadas pelo período da pandemia.

Considerando, entretanto, a realidade daquelas que puderam exercer o trabalho remoto durante a pandemia, a carga de trabalho feminino que se dividia entre público e privado tomou novas dimensões devido a entrada do trabalho público no âmbito privado e o consequente rompimento dos limites que antes separavam essas duas esferas. A desigualdade dos papéis de gênero ficaram ainda mais nítidas neste cenário, de modo que, enquanto as mulheres se dedicavam em média 23,8 horas semanais para os cuidados domésticos durante a pandemia somado ao tempo dedicado às atividades laborais remuneradas, os homens dedicavam 12 horas semanais para as mesmas atividades (SILVA et al., 2020).

Esses aspectos impactam diretamente na saúde mental das mulheres, que se em um contexto normal já apresentam maiores riscos de desenvolverem algum problema relacionado à saúde mental, durante o contexto da pandemia foram ainda mais afetadas por essas questões. As diferenças de gênero são ainda mais acentuadas pelo fato das mulheres assumirem desproporcionalmente o cuidado com a casa, com os filhos e também com os mais velhos, o que se dá em detrimento da saúde mental feminina (ALMEIDA et al., 2020).

Diante desse contexto, refletiu-se sobre a seguinte questão norteadora: que tipos de impactos sociais e subjetivos foram trazidos pelas múltiplas jornadas de trabalho feminino em decorrência do período de pandemia da COVID-19? Nesse sentido, devido a ausência de um trabalho dessa natureza e a importância do tema a ser discutido, foi desenvolvida a presente Revisão Integrativa com o objetivo de compreender e analisar o que foi produzido até então sobre alguns possíveis impactos sociais e subjetivos derivados das múltiplas jornadas de trabalho feminina.

2 Método

2.1 Estratégia de Busca

Para escolher as palavras-chave de maneira mais adequada foi feita uma pesquisa no portal Descritores em Ciência da Saúde e também realizada uma busca prévia de artigos que abordaram a pandemia e o público feminino. Assim, foram eleitas as palavras “Mulher”, “Trabalho”, “Pandemia” e “Saúde mental”. Entre os descritores foi utilizado o operador booleano AND para definir a relação entre os termos da busca. Os artigos foram pesquisados nos portais SciELO, Mendeley, Portal Regional da BVS, Periódicos CAPES e Redalyc.

2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão

Para a inclusão dos artigos foram utilizados os seguintes critérios: (1) artigos publicados em periódicos nacionais; (2) artigos na língua portuguesa, espanhola e/ou inglesa; (3) artigos que tratavam sobre a saúde mental feminina em alguma relação com a pandemia de COVID-19; (4) artigos que façam alguma interface com o mundo do trabalho; e (5) artigos publicados a partir de 2020.

Foram excluídos da análise: (1) trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações, teses, capítulos de livros, vídeos e trabalhos publicados em eventos; (2) artigos em outras línguas além das citadas anteriormente; (3) trabalhos que não abordem impactos sociais e subjetivos decorrentes da pandemia de COVID-19; e (4) publicações que não façam relações com o mundo do trabalho. Foram coletados artigos publicados até o dia da busca.

2.3 Procedimentos para a Coleta e Análise de Dados

As buscas aconteceram no dia 04 de Maio de 2023 e foram realizadas por quatro autoras(es) do presente trabalho. A quantidade de artigos encontrados em cada portal foi verificada, por todas(os) as(os) responsáveis pelas buscas, de modo a assegurar que todos os trabalhos disponíveis fossem coletados.

Os artigos encontrados foram exportados para uma planilha no *google sheets* de modo a possibilitar a leitura de seus títulos e resumos. A primeira triagem se deu por meio da exclusão dos artigos duplicados. Posteriormente, se excluiu os trabalhos que não eram artigos. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos dos trabalhos encontrados e os artigos que não atendiam aos critérios da coleta foram excluídos. Os demais artigos foram lidos na íntegra. Em caso de incompatibilidade com os critérios adotados, os mesmos também foram excluídos. Os artigos restantes tiveram os seus dados extraídos para análise e descrição. Mais detalhes são apresentados nos resultados.

Os dados quantitativos (como quantidade e gênero dos(as) autores(as), ano da publicação, região do país onde ocorreu a publicação, o tipo de método utilizado no artigo, a quantidade de pessoas por amostra, quais instrumentos foram utilizados para coleta de dados, quais os principais aspectos biopsicossociais abordados, quantidade de jornadas de trabalho abordadas, quais jornadas de trabalho foram abordadas, tipos de trabalho abordados e se foram propostos ou não ações de cuidado para essas mulheres) foram analisados no software SPSS (versão 21). Inicialmente foram realizadas estatísticas descritivas de frequências, média e desvio padrão e, posteriormente, se realizou um teste de qui-quadrado para verificar se as frequências seguiram a aderência esperada entre as categorias da amostra.

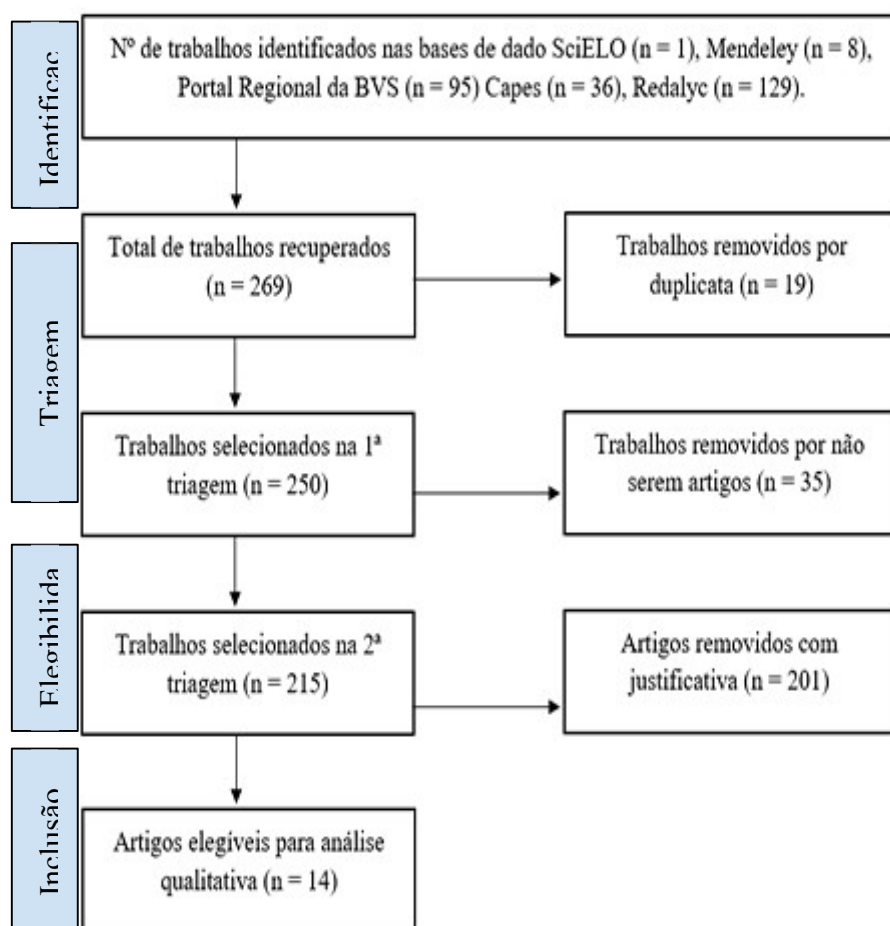
3 Resultados e Discussões

Na primeira rodada de buscas foram encontrados 269 trabalhos, como é possível verificar no Diagrama de Fluxo (Figura 1). Destes, 19 foram excluídos por estarem duplicados e, posteriormente, 35 foram excluídos por não serem artigos revisados por pares. Os 215 artigos restantes tiveram seus títulos e resumos lidos e 201 artigos foram excluídos por não se encaixarem nos critérios de inclusão. Assim, restaram 14 artigos que foram lidos na íntegra e analisados de maneira quantitativa e qualitativa.

Foram encontrados estudos sobre o trabalho feminino e a pandemia em todos os anos pesquisados e a distribuição de artigos por ano foi a seguinte: 2020 ($n = 3$), 2021 ($n = 6$), 2022 ($n = 4$) e 2023 ($n = 1$). Os trabalhos variaram entre autorias inteiramente masculinas, femininas ou mistas, havendo a prevalência de autorias femininas (78,6%, $n = 11$). A quantidade de autoras(es) por artigo variou de 1 a 8 ($M = 3,50$; $DP = 1,743$), sendo que predominaram trabalhos conduzidos por três autoras(es) (28,6%, $n = 4$), seguido por trabalhos com duas(ois) e quatro autoras(as) (21,4%, $n = 4$). Os “ns” dentro dos parênteses, juntos com as porcentagens se referem aos números absolutos naquela variável.

Os dados mostram que uma quantidade significativa de pesquisas ocorreu durante o auge da pandemia em 2021, com um número expressivo de autoras do gênero feminino. Este ocorrido pode estar associado ao fato de que as mulheres são as principais figuras na área de pesquisa referente a temática, uma vez que elas, no Brasil, representam 54,2% das pesquisadoras, das 395.870 pessoas matriculadas em cursos stricto sensu em 2022 (Ministério da Educação, 2022). Além disso, é possível que a sobrecarga do momento vivenciado tenha levado a mais pesquisas sobre os efeitos gerados por ele, em uma busca de compreensão do fenômeno. A queda em pesquisas sobre o tema pode ser um indicativo da exaustão em trabalhar tal assunto, uma vez que o contexto pandêmico foi o foco de pesquisas durante os anos de pandemia.

Figura 1 - Diagrama de Fluxo



Fonte: Elaborado pelas autoras adaptado de MOHER et al., 2009

Foram recuperados artigos publicados em todas as regiões do Brasil, com hegemonia de publicações multi regionais e da região Sudeste (28,6%, $n = 4$), tendo a região Nordeste como subsequente (21,4%, $n = 3$). Corroborando com tais dados, Staniscuaski et al. (2021) sinalizam que 44,4% de autoras femininas estão na região Sudeste, seguida pela região Sul (24,4%) e Nordeste (14,95%), enfatizando, tal como encontrado na presente amostra, a preponderância da região Sudeste como a maior produtora de conteúdos acadêmicos, assim como a região com maiores investimentos destinados à ciência. Tal dado aponta para a importância da expansão dos investimentos científicos em outras regiões do país. Nesse sentido, é importante notar que o aumento do trabalho remoto durante a pandemia (SOUZA, 2022) pode ter favorecido o contato de diferentes pesquisadoras(es), possibilitando uma maior troca de conhecimento e compartilhamento de pesquisas entre as regiões.

É importante destacar que a Pandemia do SARS-CoV-2 impôs limites claros às pesquisadoras quando se trata dos métodos usados pelas pesquisas listadas. No entanto, também incentivou a criatividade para atingir os seus objetivos de pesquisa, uma resposta frente às limitações apresentadas. Nesse sentido, as tecnologias digitais alicerçaram as viagens digitais aos múltiplos contextos de investigações e foram necessárias mudanças em estratégias de divulgação e sensibilização e na formatação dos questionários, repensar o tempo de entrevista, revisitar as questões éticas e bastante estudo sobre as potencialidades e limitações das plataformas utilizadas (SAMPAIO et al., 2022). Assim, os trabalhos variaram entre artigos sem nenhuma amostra a estudos com 5.643 participantes ($M = 617,29$; $DP = 1526,70$). Os estudos analisados tiveram prevalência do uso de metodologias qualitativas (57,1%, $n = 8$), seguidas por estudos mistos (28,6%, $n = 4$). A maioria dos trabalhos se utilizou de questionários online (42,9%, $n = 6$) para coleta de dados e entrevistas semi-estruturadas (21,4%, $n = 3$).

Os artigos examinados buscaram abordar, em sua maioria, os impactos psicológicos, sociais e físicos (57,1%, $n = 8$) causados nas mulheres trabalhadoras devido a pandemia de COVID-19. Entretanto, alguns deram enfoque apenas aos impactos psicológicos e sociais (35,7%, $n = 5$) ou os psicológicos e físicos (7,1%, $n = 1$). Os impactos citados nos artigos podem ser observados na tabela 01. É possível verificar a intensa recorrência da sobrecarga física e mental nos estudos analisados, bem como a presença de sintomas de saúde mental, como solidão, cansaço, culpa, depressão e ansiedade, o que vai no sentido de pesquisas anteriores (FIGUEIREDO et al., 2021; THIBAUT & VAN WIJNGAARDEN-CREMERS, 2020). Estudos ainda indicam que o gênero foi um fator de risco para a ocorrência da ansiedade durante a pandemia (KANG et al., 2022), o que pode ser um indício de como essas múltiplas jornadas afetaram a saúde mental das mulheres.

Questões sociais como redução de renda, mudanças de rotina, precarização do trabalho, mudanças nas dinâmicas familiares e afastamento da rede de apoio também foram impactos bastantes citados nos artigos pesquisados, o que também pode ser observado em outros estudos (OLIVEIRA et al., 2022; PAGLIARINI & TEIXEIRA, 2021). Considerando a configuração machista da sociedade, as mulheres aparecem como responsáveis pelo trabalho doméstico, ocupam trabalhos menos valorizados socialmente e recebem salários menores que os homens. Observa-se ainda a presença da interseccionalidade nesse processo: mulheres não brancas e de classes mais baixas são as

mais afetadas. Nesse sentido, a pandemia de COVID-19 agravou um problema social já existente, que tem se desdobrado em maiores incidências de problemas de saúde física e mental nessas mulheres (SILVA et al., 2022). Desse modo, urge a atenção para uma divisão do trabalho mais equânime, legislações que garantam os direitos trabalhistas das mulheres e a ampliação da rede de apoio delas, para que essas mulheres possam ter espaços de trabalho mais seguros e sem tanta sobrecarga.

Tabela 1 - Impactos biopsicossociais abordados nos artigos

(continua)

Artigo	Autoras(es)	Impactos
“Questão social”, divisão sexual do trabalho e saúde mental na pandemia (2023)	Rachel Araujo de Matos; Cynthia Studart Albuquerque	Sobrecarga física e mental, violência doméstica, insegurança alimentar. Ansiedade, depressão, ideação suicida, esgotamento, problemas com a renda, impossibilidade de cuidado pessoal, desemprego, dificuldade em conciliar as jornadas de trabalho, precarização do trabalho, medo do futuro. Aumento do sofrimento psíquico.
Em tempos de Coronavírus: <i>home office</i> e o trabalho feminino (2020)	Muller Castro T; Bottega C; Detoni P; Tittoni J	Maior uso das redes, aumento de demandas domésticas, solidão, perda da dimensão temporal, precarização do trabalho docente, desigualdade social, mudança de rotina.
Acolhimento e desafios no retorno ao trabalho, após a licença-maternidade em uma instituição de ensino (2022)	Rodrigues, L. N. ., Christoffel, M. M., Smeha, L. N., Benedetti, F. J., & Abaid, J. L. W.	Tristeza, depressão, desamparo, dificuldade na rotina, dificuldade para amamentar (trabalho presencial) e facilidade para amamentar (trabalho remoto), cansaço, culpa, felicidade no retorno ao trabalho (mesmo que em home office), dificuldade em terceirizar cuidados, medo de contaminação. Benefícios do trabalho remoto para amamentação e falta de espaços adequados para amamentação. Alterações de memória e capacidade de concentração.

Artigo	Autoras(es)	Impactos
Impacto da Covid-19 nas mulheres brasileiras em teletrabalho (2021)	Ferreira, Cláudia Aparecida Avelar; Reis, Camila Álvares dos	Impacto na saúde mental: depressão e a saúde emocional se correlacionou positivamente com a incapacidade de separar suas rotinas acadêmicas. Quanto maior a demanda familiar, maiores as dificuldades das mulheres no cumprimento das tarefas acadêmicas. Impacto na rotina profissional no teletrabalho (Idade e maior número de filhos afetam o teletrabalho em mulheres). Rotinas profissionais podem ser impactadas pelo teletrabalho, pois quanto maior a exigência na profissão, menor a dedicação ao teletrabalho, portanto a não conciliação entre rotinas pessoais e de trabalho gera sobrecarga para as mulheres. Menor participação na produção acadêmica. As mulheres negras, muitas vezes mais vulneráveis, despendem mais esforços em atividades acadêmicas do que as mulheres brancas. Durante a pandemia de COVID-19, mulheres com filhos têm buscado, em sua maioria, melhorar sua qualificação profissional e se engajar em jornadas de trabalho triplas.
Distanciamento social na pandemia da covid-19 (2021)	Macêdo, S., Amorim, J. L. ., & Souza, M. P. G. de	Reconhecimento de limitações na saúde física e mental. Sofrimento/frustração ao perceber limitações em conhecimentos teóricos que não davam conta de suas experiências de vida. Rearranjo e mudanças no tempo dedicado ao trabalho virtual. Desorganização, cansaço e readequação na rotina de conciliar vidas pessoal, familiar e profissional. Mudanças na dinâmica das relações familiares, saudade da rotina de trabalho e dos espaços de cuidado, lazer e encontros presenciais; presenteísmo e busca por ajuda não profissional

Artigo	Autoras(es)	Impactos
Os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre o trabalho das professoras pesquisadoras de Relações Internacionais (2021)	Azevedo Coutinho, B., Rocha Tenca, L., & Soares Mombelli, C.	Sobrecarga emocional do cenário de luto e incerteza coletiva, além do acúmulo de tarefas referentes ao cuidado reprodutivo. Dificuldade em continuar com a rotina de pesquisa graças a condições materiais como dificuldade de concentração, falta de espaço físico adequado, necessidade de cuidar dos filhos, cuidados com a casa, falta de tempo, alteração das condições de trabalho e mais demandas.
Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta (2022)	Valeska Zanello; Carla Antloga; Eileen Pfeiffer-Flores	Perda de privilégios, cansaço, pressão externa, culpa, raiva, impaciência, frustração, tristeza, exaustão, ansiedade, auto exigência, queda na libido.
O teletrabalho e as mulheres: percepções da conciliação da vida profissional e familiar (2022)	Sara Fabiana Bittencourt de Aguiar; Fátima Bayma de Oliveira; Lygia Gonçalves Costa Hryniewicz; Anderson de Souza Sant'Anna	Pressão externa, estresse, sobrecarga, cansaço, ansiedade, exaustão, adoecimento
Vulnerabilidades das travestis e das mulheres trans no contexto pandêmico (2022)	Renato Tadeu Veroneze	Piora na saúde mental; afastamento da rede de apoio; falta de fonte de renda

Artigo	Autoras(es)	Impactos
A pandemia de Covid-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de saúde? (2021)	Fernanda Canavêz; Camila Peixoto Farias; Giovana Fagundes Luczinski	Dificuldade de conciliar as demandas no âmbito pessoal e profissional; estresse emocional que se amplia com as demandas de casa; sobrecarga; desdobramentos psíquicos (medo, solidão, cansaço intenso e impossibilidade de cuidar de si e receber cuidado); intensificação das atividades relativas ao cuidar na pandemia; quem cuida é dominada e subjugada por essa função e dificulta - até mesmo impossibilita - que as mulheres recebam cuidados (elemento que gera de forma mais intensa o sofrimento; a sobrecarrega durante a pandemia coloca em risco tanto a saúde física quanto a saúde mental.
Cuidado de si: trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela Covid-19 (2020)	Gabriela de Brito Martins Santos; Rita de Cássia Duarte Lima; Jeanine Pacheco Moreira Barbosa	O trabalho feminino é atravessado de um saber-poder que atribui uma "vocação" (cuidado); o afastamento de suas famílias, por conta da covid, e a sobrecarga emocional gera uma mistura de angústia e solidão; renúncia de si para cuidar do outro.

Artigo	Autoras(es)	Impactos
Pandemia da Covid-19: Perspectiva Feminina sobre o Isolamento Social (2021)	Ana Carolina Silveira e Silva Streit; Ana Carolina Peixoto Silveira Moraes; Carolina Marchese Tirelli Rocha	A (des)adaptação à nova rotina: questões relativas ao excesso e acúmulo de tarefas assumidas pelas mulheres, explicitando dificuldade em conciliar tarefas domésticas, laborais e parentais no contexto privado, sobreposição entre as atividades realizadas e o excesso de tempo compartilhado com a família nuclear, o que levou a falta de privacidade e de tempo para algumas atividades específicas; carência na rede de apoio como um vetor para o sofrimento psíquico; ampliação das tarefas relacionadas aos filhos (embora elas desejem dispor mais tempo para eles); sobrecarga decorrente das tarefas domésticas independentemente da configuração conjugal; altos níveis de auto exigência para cumprir todas as tarefas da melhor forma possível; ansiedade excessiva e redução dos canais de alívio; sentimento de tristeza, esgotamento emocional e cansaço extremo; sentimento de culpa por não dar conta das atividades; dificuldades no manejo das emoções e na aceitação dos limites na realização de tarefas diárias; a falta de tempo para si, para o autocuidado e para a relação conjugal (mais fatores de sobrecarga e desgaste).

(continua)

Artigo	Autoras(es)	Impactos
A divisão sociosexual e racial do trabalho no cenário de epidemia do covid- 19: considerações a partir de Heleieth Saffioti (2020)	Claudia Mazzei Nogueira; Rachel Gouveia Passos	As mulheres negras passam fome ou morrem contaminadas pelo covid porque precisam trabalhar para sobreviver; a falta de uma moradia digna, alimentação adequada e saneamento básico acarretará no processo de adoecimento físico e até psíquico; as mulheres negras também tem como possibilidade de trabalho o serviço de cuidadoras de idosos (As políticas de saúde mental tem contratador cuidados para compor a equipe que dão suporte a pessoas em sofrimento psíquico grave); a necropolítica como a principal estratégia do governo federal durante a pandemia.
Desafios de empreendedoras na economia criativa periférica (2021)	Emmanuelle Lopes de Almeida; Pâmela Karolina Dias; Elisabeth Cavalcante dos Santos	Mulheres empreendedoras ocupam diversas funções em seus negócios; precisam lidar com as atribuições dos seus negócios, trabalho doméstico, a descrença em relação ao seu negócio; desvalorização do produto (valor); mais dificuldade do que os homens em conseguir credibilidade nos negócios; as mulheres estão concentradas em trabalhos que remuneram menos (artesanato e moda); as mulheres se cobram mais por não dominarem habilidades que são importantes para o desenvolvimento de negócios; dificuldades em adequar os negócios em novas tecnologias; grande carga de trabalho entre o trabalho formal, os cuidados com o lar e o empreendimento; a falta de tempo advinda das múltiplas jornadas afetam o progresso pessoal, dedicação ao empreendimento, novos investimentos e o crescimento da empresa; a pandemia agravou o contato com o cliente e o capital financeiro; necessidade de adquirir novas habilidades na pandemia, ampliando a

Artigo	Autoras(es)	Impactos
		jornada de trabalho; alteração de humor, medo e ansiedade.

(conclusão)

Fonte: Elaborado pelas autoras

Além disso, as mulheres estudadas nesses artigos participavam de 1 a 4 jornadas de trabalho ($M = 2,36$; $DP = 0,92$), com prevalência de jornadas múltiplas (85,7%, $n = 12$), contendo, majoritariamente, três tipos de jornada de trabalho diferentes (42,9%, $n = 6$). É necessário demonstrar, portanto, como a divisão sexual e de gênero foram usadas, pois a pandemia também reduziu e estratificou a divisão sexual e de gênero que permeia e atravessa a vida de muitas mulheres. Desse modo, apesar de antes da pandemia da COVID-19, as mulheres já serem responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e pelo cuidado dos membros mais frágeis de suas famílias, essas responsabilidades aumentaram durante os períodos de escolas fechadas e isolamento, com a adição de ainda terem que trabalhar e com pouco ou nenhum suporte social progressivamente durante esse período (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021).

Os estudos focaram suas análises no trabalho *home office* (35,7%, n = 5) e em mulheres que realizavam múltiplos tipos de trabalho simultaneamente (35,7%, n = 5). A literatura (ARAÚJO & LUA, 2021) aponta que durante a pandemia mais mulheres do que homens foram submetidas ao trabalho remoto no Brasil e que essa modalidade de trabalho está associada com maiores riscos ocupacionais, como transtornos mentais ou LER (Lesão por Esforço Repetitivo). O *home office* durante a pandemia ainda aparece como um amplificador do conflito trabalho-casa, devido ao aumento das demandas de cuidado exigidas das mulheres, junto ao afastamento de uma rede de apoio social, como creches e escola (ARAÚJO & LUA, 2021; VAZARIN PEREZ et al., 2022).

Nesse sentido, a maioria dos artigos (57,1%, n = 8) não propunham ações que visavam melhorar a saúde e o bem estar das mulheres pesquisadas. Com isso, acabaram deixando a desejar na devolução de possíveis soluções para a sociedade e públicos investigados, seja pela falta de estrutura ou mesmo pela situação política e de calamidade pública vivenciadas no Brasil. Por um lado, é possível entender que estudos e reflexões críticas contribuem significativamente para as discussões acadêmicas; no entanto, é necessário ir além disso e pensar em estratégias de ações. Como resultado, as investigações sobre as vulnerabilidades, devidamente estruturadas, poderão cumprir efetivamente seu curso, ou seja, uma análise completa das dimensões sociais e programáticas (integralidade e a equidade das ações, acesso aos serviços, a qualidade destes e a existência de equipes multidisciplinares) que estarão intrinsecamente ligadas às dimensões individuais (PRESTES & PAIVA, 2016).

Por fim, o teste de qui-quadrado apontou para uma diferença significativa entre as frequências de gênero de autoria [$X^2(2) = 13,00$; $p > 0,05$] e jornadas de trabalho descritas [$X^2(2) = 17,29$; $p > 0,05$]. Nesse sentido, a presente revisão vai no mesmo sentido da literatura (DEUS; SCHMITZ; VIEIRA, 2021; SILVA et al., 2020) ao apontar as múltiplas jornadas de trabalho femininas, permeadas pela sobrecarga dessas mulheres e responsabilidades advindas de uma sociedade sexista, que imbui a mulher do papel de cuidado e manutenção da esfera doméstica (OLIVEIRA; QUEIROZ; DINIZ, 2020). Pesquisas anteriores (STANISCUASKI et al., 2021) encontraram que, de acordo com 73,1% das mulheres, o trabalho remoto e fatores como cuidados com a família, atividades escolares e cuidados com os filhos(as), diminuíram a sua produtividade (ARAÚJO & LUA, 2021). Como resultado, é possível relacionar o baixo número de produções encontradas na presente revisão, com as enormes sobrecargas vivenciadas por essas

mulheres pesquisadoras, principalmente porque, para as cientistas que precisavam de um ambiente tranquilo, concentrado e dedicado para produzir ciência, ocupar um espaço com muitos afazeres acaba por prejudicar sua eficácia.

Tendo em vista que a análise pela via do viés interseccional, ou seja, compreendendo melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade com a especificidade da raça das mulheres pesquisada nos artigos encontrados não foi um dos objetivos do presente estudo, optou-se por apontar essa ausência de estudos tendo como objetivo o estudo das diferenças no trabalho entre as mulheres negras e brancas/ classe média e baixa nas considerações finais, sugerindo, inclusive, que isso seja levado em consideração em estudos futuros.

Cabe ressaltar, por outro lado, que o *home office* não foi uma realidade de todas as mulheres durante o período pandêmico, uma vez que essa modalidade não se aplicou a todas as formas de trabalho. Ao considerarmos o contexto laboral das trabalhadoras domésticas, por exemplo, além da realização das tarefas domésticas em seu próprio lar, muitas mulheres deslocaram-se de suas casas para trabalhar em outros domicílios, tornando-se mais expostas à contaminação do vírus. Assim, o *home office* aparece também como um privilégio de mulheres que podem ter essa possibilidade de trabalho. Se adicionarmos os aspectos de raça e classe, há uma diferença mais marcante, uma vez que as trabalhadoras domésticas são majoritariamente mulheres negras, de classes sociais mais baixas e de baixa escolaridade. Em 2022, as mulheres negras representavam 61,5% das trabalhadoras domésticas que são remuneradas no Brasil (BRASIL, 2023). Diversas nuances podem advir dessas realidades interseccionais, sobretudo das mulheres negras, mas elas não foram foco central na maioria dos estudos levantados, assim como também não foi o objetivo do presente estudo.

4 Considerações Finais

O objetivo desta revisão integrativa foi o de analisar os artigos publicados em periódicos nacionais sobre os impactos sociais e psicológicos derivados das múltiplas jornadas de trabalho feminino durante o período pandêmico (2020 a 2023). Para isso, foi realizada uma estratégia de busca em cinco portais indexadores de artigos científicos. Inicialmente, foram encontrados 269 artigos, mas somente 14 deles fizeram parte da amostra desta revisão, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Estes artigos restantes passaram tanto por uma análise qualitativa e quantitativa (SPSS v.21). Os

resultados apontaram que os principais impactos vivenciados pelas mulheres no período pandêmico estão relacionados ao rompimento dos limites entre casa e trabalho, com o aumento da modalidade *home office*, problemas associados à saúde mental (solidão, cansaço, culpa, depressão e ansiedade), sobrecarga física e mental, precarização no trabalho, mudanças na rotina e nas dinâmicas familiares, redução de renda e afastamento da rede de apoio. Observou-se ainda que as mulheres não brancas e de classes sociais mais baixas são as mais afetadas, pois como demonstrou Nogueira e Passos (2020) as condições raciais e de classe são aspectos significativos nas vivências dessas mulheres frente às inúmeras jornadas de trabalho durante o período pandêmico. Todavia, esses aspectos não fizeram parte do objetivo do presente estudo, além de que foram pouco enfatizados na maior parte da literatura encontrada e nos estudos realizados, o que pode gerar uma impressão de que todas as realidades das mulheres são as mesmas. Considerando que estes aspectos são fundamentais, cabe ressaltar a necessidade de futuros estudos com ênfase interseccionais, que explicitem diversas realidades do trabalho feminino durante a pandemia.

Com isso, é possível denunciar uma realidade que precisa receber um olhar atento e focado em estratégias e ações de cuidado e de assistência a essas mulheres, algo que foi pouco explorado nas pesquisas analisadas. Ficam-se, então, como questionamentos: O que pode ser feito para reduzir essas fragilidades se as pesquisas já as reconhecem? Quais tipos de parcerias seriam necessárias? Acredita-se que os processos pesquisados precisam de melhores conexões com programas de saúde das trabalhadoras ou programas governamentais como os de Atenção Concentrada à Saúde da Mulher (PAISM). Urge também a ampliação da rede de apoio a essas mulheres, por meio de creches em tempo integral, políticas voltadas para a atenção primária e secundária em saúde, a conscientização sobre os direitos básicos no trabalho e o desenvolvimento da legislação trabalhista, principalmente acerca do *home office*. A ampliação do debate sobre o machismo e sexismo com os homens também se faz necessária para a mitigação dessas desigualdades.

Nesse sentido, sugere-se também a continuação de investigação acerca dessa temática a partir de novas perspectivas como, por exemplo, identificar as possíveis mudanças que a flexibilização das medidas de isolamento causa no trabalho feminino atualmente. Majoritariamente, os artigos analisados foram publicados no auge da pandemia, em 2021, tempo em que as medidas de isolamento ainda eram mais restritivas

por estarmos em estado de emergência em saúde pública pela infecção por COVID-19 (BRASIL, 2020a, 2020b). Por isso, outra questão permanece: é possível retornar ao trabalho da mesma forma que era antes de 2020? Qual lugar tem o *home office* frente a atual flexibilização das medidas de isolamento e o fim da emergência em saúde pública? (BRASIL, 2022). Todavia, para que esse e outros questionamentos possam ser investigados é preciso maior investimento na educação e na pesquisa científica em todas as regiões do país para que tenhamos dados cada vez mais acurados das diversas realidades brasileiras.

Referências

- ARAÚJO, T. M. DE; LUA, I. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 46, p. e27, 2021.
- ALMEIDA, M., SHRESTHA, A. D., STOJANAC, D., & MILLER, L. J. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic on women's mental health. *Archives of women's mental health*, 23(6), 741–748, 2020. <https://doi.org/10.1007/s00737-020-01092-2>
- BARROS, L. DE O.; REIS, A. N. B. Enegrecendo a carreira: saúde mental e adaptabilidade de carreira de mulheres negras: saúde mental e adaptabilidade de carreira de mulheres negras. *Psicologia Argumento*, v. 41, n. 114, 25 set. 2023.
- BENTIVI, D. R. C., CARNEIRO, L. L. & PEIXOTO, A. L. A. Trabalhadores em Arranjos Alternativos de Trabalho diante da COVID-19. In: M. M. Moraes (Org.). *Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2020. (pp. 15-22).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 188, de 11 de março de 2020. 2020a. Disponível em <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>>. Acesso em 24 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 356, de 3 de fevereiro de 2020. 2020b. Disponível em <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>>. Acesso em 24 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 913, de 22 de abril de 2022. 2022. Disponível em <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-913-de-22-de-abril-de-2022-394545491>>. Acesso em 24 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Nota Informativa nº 2/2023 MDS/SNCF: Trabalhadoras domésticas e políticas de cuidado. 2023. Disponível em <<https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/ministerios-do-desenvolvimento-social-e-dos-direitos-humanos-abrem-seminario-pela-luta-contr-o-trabalho-escravo-domestico/nota-informativa-n2-publicada.pdf>>. Acesso em 03 mai.2024.

DAVIS, A. Y. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEUS, M. D. de; SCHMITZ, M. E. de S.; VIEIRA, M. L. Família, gênero e jornada de trabalho: uma revisão sistemática de literatura. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 1-28, abr. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202021000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jul. 2023. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202114e15805>

FIGUEIREDO, L. M. et al. Saúde da Mulher em Tempos de Pandemia: Uma Revisão de Literatura / Women's Health in Times of Pandemic: A Literature Review. *ID on line. Revista de psicologia*, v. 16, n. 61, p. 194–203, 31 jul. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. A vitimização de mulheres no Brasil. 2021. [Online] disponível em <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>> Acesso: 05 jul. 2023.

G1 RIO DE JANEIRO. Governo do RJ confirma a primeira morte por coronavírus. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 2 mai. 2024.

GONDIM, S. M. G., BENDASSOLLI, P. F. & PEIXOTO, A. L. A. A construção da identidade profissional na transição universidade-mercado de trabalho. In: SOARES, A. B., MOURÃO, L. & MOTA, M. M. P. (Org.). *O estudante universitário brasileiro: Características cognitivas, habilidades relacionais e transição para o mercado de trabalho*. Curitiba: Appris, 2016. (pp. 219-234).

GUO, Yan-Rong; CAO, Qing-Dong; HONG, Zhong-Si; *et al.* The origin, transmission and clinical therapies on coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak – an update on the status. *Military Medical Research*, v. 7, n. 1, p. 11, 2020. Disponível em: <<https://mmrjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40779-020-00240-0>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa nacional por amostra de domicílio Covid19. 2021. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br>>

LUZIO-DOS-SANTOS, Luís Miguel; KEREN FROIS-CARDOSO, Amanda; RAMOS NEVES, Isabeli; et al. Mulher negra no mercado de trabalho: efeito das discriminações de raça, gênero e classe. *Organizações e Sustentabilidade*, v. 9, n. 1, p. 8–30, 2022. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ros/article/view/46555>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MA, Kang; LIANG, Luyao; CHUTYIYAMI, Muhammad; et al. COVID-19 pandemic-related anxiety, stress, and depression among teachers: A systematic review and meta-analysis. *Work*, v. 73, n. 1, p. 3–27, 2022. Disponível em: <<https://www.medra.org/servlet/aliasResolver?alias=iospress&doi=10.3233/WOR-220062>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Pós-graduação brasileira tem maioria feminina*. Brasília: CCS/CAPES, 2022. [Online]. Acesso em: 05 jul. 2023.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *BMJ*, v. 339, n. jul21 1, p. b2535–b2535, 2009. Disponível em: <<https://www.bmj.com/lookup/doi/10.1136/bmj.b2535>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MOSCON, D. C. B.; CARNEIRO, L.L.; GONDIM, S. M. G. O trabalho e a vida humana sob demanda: as plataformas digitais e os riscos à saúde do trabalhador. *Gestão & Planejamento*, v.23, pp. 566 - 572. 2022.

OLIVEIRA, F. A. DE; QUEIROZ, F. M. DE; DINIZ, M. I. Divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres no contexto da pandemia da COVID 19. *Revista Inter-Legere*, [S. l.], v. 3, n. 28, p. c21486, 2020. DOI: 10.21680/1982-1662.2020v3n28ID21486. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21486>. Acesso em: 7 jul. 2023.

PAGLIARINI, A. C.; TEIXEIRA, M. F. A. S. H. Virtualidade e precarização: o trabalho feminino em tempos de pandemia. *Revista Jurídica da Faculdade de Direito de Santa Maria - FADISMA*, v. 16, n. 1, 2021.

PRESTES, C. R. S.; PAIVA, V. S. F. Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras:vulnerabilidades, direitos e resiliência. *Saúde e Sociedade*, v. 25, n. 3, p. 673–688, jul. 2016.

PEIXOTO, A. DE L. A.; VASCONCELOS, E. F. DE.; BENTIVI, D. R. C. Covid-19 e os Desafios Postos à Atuação Profissional em Psicologia Organizacional e do Trabalho: uma Análise de Experiências de Psicólogos Gestores. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. e244195, 2020.

SAMPAIO, A. D.; SPAGNOLO, L. M. de L.; ZILLMER, J. G. V.; SCHWARTZ, E. Ambiente virtual em pesquisa quantitativa na pandemia por coronavirus. *Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem*, [S. l.], v. 12, n. 38, p. 385–392, 2022. DOI: 10.24276/rrecien2022.12.38.385-392. Disponível em: <http://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/611>. Acesso em: 5 jul. 2023.

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L., DEMENECH, L. M.. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. e200063. 2020.

SILVA, R. et al. Condições de Trabalho das Mulheres Brasileiras: Revisão, Síntese e Agenda de Pesquisa. In: ENCONTRO DA ANPAD, 46., 2022, on-line. *Anais eletrônicos [...]*. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2022. Disponível em: <http://www.anpad.org.br>. Acesso em: 05 julho 2023.

SOUSA, M. J. C. L. Expansão do teletrabalho no contexto pandêmico: uma nova face da precarização? *Laborare*, v. 5, n. 8, p. 240–262, 2 mar. 2022.

STANISCUASKI, Fernanda et al. Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. *Frontiers in psychology*, v. 12, p. 663252, 2021.

SILVA, J. M. S., CARDOSO, V. C., ABREU, K. E., & SILVA, L. S. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos*, v.8. 2020. Disponível em

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>>. Acesso em: 05 julho 2023.

THIBAUT, F.; VAN WIJNGAARDEN-CREMERS, P. J. M. Women's Mental Health in the Time of Covid-19 Pandemic. *Frontiers in Global Women's Health*, v. 1, p. 588372, 8 dez. 2020.

VAZARIN PEREZ; REIS VENTURA; MONTEZINI DA SILVA; SOUZA MARTINS; E. BARROS. Identidade e trabalho: mulheres em um contexto de pandemia e home office. *Revista Espirales*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. p. 86–103, 2022. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espiales/article/view/3812>. Acesso em: 6 jul. 2023.

VIEIRA, Bruna; MARQUES, Patrícia. Filha da primeira vítima de Covid no Brasil perdeu os avós e dois tios com a doença após a morte da mãe. *Jornal Hoje*, São Paulo, 2020. [Online]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/19/filha-da-primeira-vitima-de-covid-no-brasil-perdeu-os-avos-e-dois-tios-com-a-doenca-apos-a-morte-da-mae.ghhtml>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

WILDER-SMITH, A; FREEDMAN, D O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *Journal of Travel Medicine*, v. 27, n. 2, p. taaa020, 2020. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jtm/article/doi/10.1093/jtm/taaa020/5735321>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ZANELLO, V. *Saúde mental gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. 1ed. Curitiba: Appris, 2018.